O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 17 • nº 2643
Junho/2025
Caruaru-PE
P1+2
Programa Uma Terra e Duas Águas
Pernambuco

Agricultoras do Sítio Carneirinho se unem e se organizam para gerar mais renda com a agricultura familiar

Mulheres da agricultura familiar criam associação e acessam os editais de compras públicas, como o PAA e o PNAE em Caruaru

A comunidade rural Sítio Carneirinho, em Caruaru- PE, no Agreste pernambucano, começou a ser habitada entre os anos de 1928 a 1930. Apesar da região ser considerada "seca e de muitas pedras", a agricultura sempre moveu a comunidade. O cultivo de milho, feijão e algodão já era a produção das primeiras famílias de Carneirinho. *"As pessoas tinham esse hábito de produzir sempre, só que aí com o passar do tempo, e como o Carneirinho fica localizado na área mais seca de Caruaru, que a gente costuma dizer que é o "sertão" de Caruaru, a produção começou a diminuir"*, nos explicou Amanda Alves da Silva, agricultora, filha e neta de agricultores e hoje presidenta da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Sítio Carneirinho.

E é sobre a união, a formação e as conquistas dessas mulheres associadas que vamos traçar as linhas dessa história. A historia de uma comunidade, suas mulheres e seus desafios.

Na década de 90, Caruaru e região se firmaram como pólo têxtil em Pernambuco, as industrias de roupas começaram a procurar mão de obra na região para prestar serviço e não faltaram pessoas precisando do trabalho, inclusive nas comunidades rurais. “E aí começaram a vir as empresas trazendo tecidos, costuras para as pessoas ter a sua renda e acabaram que foram esquecendo da agricultura”, explica Amanda. Com a longa estiagem no território e escassas produções, a agricultura foi sendo substituida pelos trabalhos de costura.A partir do ano 2000 começou a aumentar as demandas fabris na comunidade rural. “ E aí todo mundo saiu da agricultura e foi para costura”.

No primeiro governo Lula (2003-2006), as mulheres da comunidade começaram a acessar bens que antes não tinham ou já tinham, mas estavam muito desgastados ou eram de segunda mão, como aparelhos de TVs, geladeiras, fogões e outros eletrodomésticos. E, principalmente, a renovar e adquirir máquinas de costuras modernas e de vários tipos, foi uma oportunidade, mas também esse investimento pessoal em equipamentos de costura afastou mais ainda a comunidade da agricultura, das criações.

“Teve mais renda até para investir nessa história da costura também. Era uma nova forma de ganhar um dinheiro a mais. Todo mundo tava na costura e não só aqui em Carneirinho, era toda a região e estamos em Caruaru, pólos de confecções e a área que a gente mora é aonde tem o maior foco, porque tem a feira. Mas aí se você for parar para pensar, você se torna escravo deles, por que é muito pouco, dependendo da peça é R$ 1 a R$ 1,20 que eles pagam, e por peça” explica Maria Rizonia Alves, agricultora e mãe Amanda.

Nessa história da escravidão, os relatos passado pela comunidade é de um trabalho exautivo que começa nas primeiras horas da manhã e ia até tarde da noite. *“A gente acordava, tomava café, arrumava as crianças e deixava na escola, voltava e sentava na máquina, às 11h levantava fazia almoço comia, voltava pra máquina, jantava as 6 da noite, voltava pegava na costura até onde os olhos aguentava”*, lembrou Rizonia.

Nesta rotina exaustiva, as mulheres de Carneirinho começaram a colocar na balança a vida que estavam levando, de domingo a domingo, sem folgas, sem férias, se alimentando com comidas rápidas, porém nem tão nutritivas, sem tempo, vivendo para trabalhar. *“Dinheiro entrava,*

claro, mas assim, pela quantidade de trabalho a gente começou a se perguntar se valia a pena, né? Morrer de trabalhar e não viver. A gente tem que trabalhar para viver e não para sobreviver", defende Amanda.

Amanda e a mãe, Rizonia, nunca deixaram a agricultura, e entre os anos de 2018 e 2019 elas reuniram cerca de 20 mulheres na comunidade e participaram de uma ação da Secretaria da Mulher de Caruaru. Dessa ação, fizeram uma horta Madala no Sítio e perceberam que juntas podiam retomar a produção agrícola, mas de forma diferente, gerando mais renda. Mas como começar? Foi quando Rizonia teve a ideia de juntar novamente as mulheres da horta.

"Quando Lula foi presidente de novo (2022), aí eu pensei: Amanda, os projetos vão começar, vamos fazer uma reunião, fazer um grupo de mulher, vamos convidar elas, chamar a contadora da gente para explicar tudo direitinho porque os projetos só são liberados mais para mulher do que para homem. Vamos juntar o grupo de mulheres, vamos convidar elas e vamos embora", lembra animada a mãe de Amanda.

Só que das 20 mulheres que participaram da horta, apenas 12 foram a reunião e toparam fundar a Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Sítio Carneirinho. *"A gente pensava que não ia dar certo, quando Rizo disse: Olha, a gente vai fazer uma associação, tu vai entrar? Eu disse: Isso é mentira? Lembro que foi até no domingo à tarde a reunião. Ela começou falando da associação, da gente se unir. e das funções das pessoas, quem ia ser presidente, vice-presidente, tesoureira, secretária, fiscal e assim foi"*, lembrou a agricultora e associada Rejiane Rodrigues da Silva.

Hoje são 32 mulheres da agricultura familiar associadas. Mas para chegar até aqui,as primeiras 12 mulheres tiveram que se organizar, foram em busca de cursos, de advogada, de contadora. Umas acreditando no processo, outras achando uma loucura, mas juntas. E juntas fizeram bingos, rifas e sorteios para arrecadar o dinheiro que precisavam, para a resolver a burocracia e fundar a Associação.

“A gente não tinha noção, decidimos - Vamos montar uma associação de mulheres, mas aí quando eu fui levar a documentação para o cartório, o cara disse: É dois mil reais. Como assim, R$ 2.000 para 12 mulheres? Foi quando a gente começou a fazer rifa, bingo, sorteio para a gente conseguir juntar o valor, para poder ficar com CNPJ, estatuto, a ata, tudo registrado em cartório.

E assim, a Associação só foi registrada em 2023, porque não foi facil levantar do dinheiro em uma comunidade pequena. E uma vez com tudo regularizado, as mulheres agricultoras de Carneirinho deram seus primeiros passos. Ainda em 2023, conquistaram uma cadeira no Conselho de Desenvolvimento Rural de Caruaru e uma vez lá, souberam que a chamada do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do município estava aberta, inscreveram a Associação e conseguiram acessar. *“Eram as produções de 10 das 12 mulheres, porque eram as que estavam com o Cadastro da Agricultura Familiar, o CAF, em dia, mas também quando precisava, comprávamos, enquanto Associação, das outras, e isso fez com que as outras mulheres quisessem se aproximar mais e também regularizar ou tirar os seus CAFs.”*

Em 2024, já com o número de associadas maior, a Associação conseguiu acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) do município, foram 16 mulheres, com o CAF em dia dentro do programa. *“Esse ano (2025) vai abrir de novo e ja queremos todas as 32 com os CAFs em dia, porque ai a gente vai escrever todas e não vamos perder os projetos”.*

As mulheres da comunidade plantam milho, jerimum, frango de corte, frango caipira, carne bovina, melancia, coentro e pimentão. E outros produtos que não estão nas compras publicas, mas as mulheres levam para a Feira da Agricultura Familiar de Caruaru, como ovos, buchada e a carne de bode. Hoje, elas têm mais tempo para a familia, o lazer, retomaram o trabalho da agricultura, se alimentam melhor, estão melhorando a renda e o mais importante aprenderam o valor da coletividade, de estarem unidas em um propósito, sempre pensando em todas.

No Sítio Carneirinho vivem cerca de 70 famílias, e o mais interessante é que todas elas têm parentescos. Ali vivem a família de Amanda Alves, sua mãe, pai, avós materna e paterna, tias, tios, sobrinhas, sobrinhos, primos e primas, maternos e paternos, todos moradores de Carneirinho, há gerações, descendentes dos que primeiro chegaram, no final da década de 1920. Mas não foram esses laços familiares, apenas, que fizeram com que essas mulheres reagissem ao modo de trabalho e vida que as adoeciam, foi a organização, a luta e a tomada de consciência da importância da participação política e dos espaços para acessarem as políticas de compras públicas e gerarem mais renda para todas.

ASSISTA AO VIDEO AQUI